



Por: Paulo Lacerda
paulosd@centroin.com.br

FUI TENTAR VER QUEM EU ERA. VOCÊ TAMBÉM JÁ FOI?

Aproveitando a temporada no Rio de Janeiro refleti como seria bom saber quem e como eu era. Como gente e escritor. De livre e espontânea vontade, para matar a curiosidade aproveitando o falar língua portuguesa com sua ortografia e gramática impostas. O nórdico, sem nossos acentos, as colocações de vírgulas, pausas, genitivos, etc. Não facilitam aos latinos discursar a realidade de seus percalços e de sua atribulada vida. Filósofos, analistas, intelectuais e sábios me assustam. Sendo incompetente para os temas concernentes acabaria em enorme confusão metido na minha mistura do “que se ouve falar”. Certamente complicado por uma dialética pessoal e nos meandros inantigáveis de conceitos da lógica formal, do abstrato, do concreto, do empirismo. Do teórico e do histórico. Afinal escrevo somente colunas sem pretensões para serem absorvidas no simples do dia a dia. Só me é grande o impulso de pesquisar. Vamos a quem sabe e quem pode me ajudar.

Para me ouvir – Indicaram-me psicólogo de nome e competência. Mulher, para o agradável. Sem confundir com as bruxas de crônica antiga. Indicado por amigo de 40 anos, um dos mais famosos advogados do Brasil. Estava tranqüilo pela “costa quente”, pois inconfidências sempre se espalham. Poderia assim dizer o que gostaria ser sempre uma verdade. Não me confundiriam com o paciente nem interditado. Nem manteriam, com amor, o velho pai, o amigo de tantos, estacionado no conforto e recesso de um lar para senis. Perigosos, pois querem nosso bem. Desde a dopamina pedem mil exames. A muitos buscam e rotulam nomes sem fim: como, neurótico, psicóticos, dependentes, esquizos, chatos, gagas, Alzheimer, bipolar da

moda, resmungentos e ai por diante. Querem um nome e seu tratamento. Podemos estar nas exceções e discursar e contar de boca o que sempre fizemos. Podemos livres, falar na sensibilidade, no vivido e complicado choque mutável de gerações e os de princípios que nos contagiam ano após ano. O mundo virou e nunca mais pais vão entender filhos, nem os filhos entender pais porque se isolam em tempos diferentes. Cada um, seguro em suas veridades. Poderemos falar independente da ética. E ficarmos boquirrotos no mundo que involue e se torna pequeno. A vida conturbada e a violência paradoxalmente nos envolvem e trazem a extroversão, com a capacidade de nos fazer ficar mais jovem. Temos que lançar nossas memórias. Melhor que as dietas fantásticas, as caminhadas matutinas, a hidroginástica semanal. Melhor que sentar no bar reclamando de tudo e soluções fantasiosas para tudo. Sem senso nenhum e sem resposta. Bebendo a temível droga do álcool em fase de um mundo dependente. Lembrar que uma hora de bar sai mais caro que a hora do psicólogo capaz, inteligente e culto que vai nos ouvir com um sorriso. Sem a transferência dos pacientes, mas sim de seu interior experimentado, vivido e corajoso. Mesmo sem nunca ter saído do bairro. Afinal um de meus ídolos de infância escreveu sobre o mundo. Fiel aos fatos e locais nunca abandonou sua Rua em Bamberg, Alemanha. O milagre está lá além da Catedral. O museu Karl May é a cidade toda.

Obviamente não se expõem todos os papos ansiosos e os felizes com o psicólogo. Existem ciúmes sagrados e perigosos. Não dá para a mulher de casa, geralmente complexo cultural diverso, entender que existe no habitual um papel diferenciado, com alguém acostumado a ouvir. Existem então justificativas para encontros sorrateiros, íntimos verbais, profissionais. Os problemas da família ou famílias estão ai: existem para serem ajustados.

O meu ouvir é um meu falar. A mão é uma contramão. Para replicar à desejada multidão. A necessidade de quem escreve... Alguns lêem e com certeza vão perguntar. A inclusão so-

cial, os sentimentos coletivos e coisas neste andar são a marca dos dias de hoje. Ai está a TV, Internet, celulares, concubinatos e filhos de muitos pais e mães no mesmo lar. Este é o público extrapolado dos consultórios. Aonde a vida nova parece começar.

Sacrilégio dizer o que não se sabe: abandonei um impossível abandono - meu Id foi por ai, para entrar no sofrimento. Segurei-me no Ego que conheci - falso pela aparência de minha realidade. Fui amarrado no terrível Superego vivendo a rotina, sem nada conhecer do nada. Um dia me livre dos nomes e joguei o Superego para o lado. Fingi que não conhecia o Ego e me afundei no Id. Viva a vida e a realidade concreta que se torna virtual nos anos dos chips e sucessores. Vamos esquecer Charcot, Freud, 1924, Zimerman 1999 e outros sábios do passado, bem passado, e ir por ai até acabar. Falar e ouvir com o psicólogo para descobrir uma dimensão no futuro curto. Como ficará o contato quando vemos, ouvimos e nos empurram cérebro adentro está cibernética crescente? Como estabelecer uma relação discursiva e uma intelectual com o computador e o ser da rua? A criança tem agora o princípio do prazer sobre o real que a cerca sem poder sequer parar para uma pergunta, pois muitas nem sabe o que fazem nas máquinas. Era do Bakulân e do Nitendo DS Lite. Do meu filho de 7 anos!

Obviamente, isto para o dia a dia. Se complicar quem vai tentar destrinchar? Parece que a psicose vai ser mesmo doença orgânica ainda não bem identificada. O papo ambulatorial, a integração com a sociedade, a medeval e limitada rotina de internação para o povão ilustre e a comunidade vai nos deixar livre para fazer o que pudermos e olhar o que fizemos e quem fomos. Vai ser nebuloso olhar para um tempo atrás e ver o que nos resta fazer. Nem do que eu era. Palavras comuns. Contento-me em ser um escritor leigo, de crônicas, pois o compromisso é a ilusão que encontramos pelas esquinas e caminhos tropeçados.

Não dá para escrever mais em limitadas 100 linhas. O pensamento e a memória falha no desgaste não podem ser esgotados no consultório. Nem o medo, pânico, angústia, inveja, depressões

e os clássicos tremores do passar pela existência. Quem Le pode ter a noção suave do porque se escreve. Para contar o que somos. Sem sabermos. O psicólogo deve apreciar melhor nossas tragédias e comédias, pois ouvirá e verá a voz, as modulações, a alegria e a tristeza do que marcamos em páginas frias. Poderá ser o MAIOR LEITOR. Pode dizer quem eu era.

Estou no quotidiano de ser americano. Almejo transportá-lo para a coluna do jornal sem buscar o diagnóstico correto para o viver do ser humano. Continuará confuso e imbricado. Palavra de patologista. Porém, da mesma forma que vamos ao cardiologista, ao dermatologista é justo procurar um psicólogo dos bons e aproveitá-lo para ouvir nossas histórias e memórias. Será geralmente a conversa inteligente da semana. Procure um dos bons e vai bater seu papo. Aqui mesmo aonde é menos difícil a “leveza de se ser”.

Temos vantagens de surpresas. Há anos estava com uma indescritível dor de coluna, resultado de levantar do banco do motorista em carro de jovem. Diagnóstico mil dos doutos amigos e um monte de antiinflamatórios. Dividindo o elevador para ir à psicóloga, conversei com um agradável senhor. No tempo curto me pergunta: Quem é você? Estás precisando de uma acupuntura. No dia seguinte com a lombalgia de sempre em uma sessão a dor exaustiva acabou em 90%, com as agulhinhas e ventosas. Vi que era um sofredor e fiquei bom. Entrei radiante pela porta da Doutora, feliz como nunca, pois foi por ela que conheci um Salvador. Sem rezas, rituais, livros sagrados e religiões espertas trabalhadas.

Livre como um cronista tem de ser, recomendo: Envelheçam e desde cedo não deixem de ter o seu psicólogo ortodoxo ou extremos Lacanianos para um papo semanal. Continuarei a ser um simples palpiteiro da rua, da mente e da alma. Fique atento. No caminho pode descobrir um salvador de outra coisa qualquer que lhe atormenta. Até no elevador.

Tenha e mantenha a coragem de ver quem você é, antes que acabe.